

Nossa imagem violenta

por Rubens Machado Jr.

Em todo o mundo, a violência tem sido vista como uma das marcas distintivas da atual produção audiovisual, seja no cinema, vídeo ou TV. Não se trata mais de uma presença um tanto abstrata ou simbolizada, como nas convenções históricas dos gêneros de filmes que progridem desde o início do século XX - gângster, guerra, faroeste etc. Poucos acreditarão numa tradução imediata e equitativa do real aumento de ocorrências violentas no cotidiano, pura e simplesmente. Trata-se, no caso contemporâneo, de uma outra presença da violência, esta agora implicando a sua apresentação mais direta e cruenta. Talvez isso explique o motivo de tal explosão temática possuir maior força nos meios audiovisuais, se os comparamos com a literatura ou a música, por exemplo: não é em todos os quadrantes geográficos a imagem da violência que parece interessar demais?

A nossa reação como país de conhecida “índole pacífica” não deixa de ser particular, precisando de alguma atenção prospectiva. Equivale dizer que a nossa história poderia ser indagada com grande curiosidade. O cineasta João Moreira Salles tem falado em alguns debates (como na 2ª Conferência Internacional do Documentário, na mostra *É Tudo Verdade*, de 2002) de uma insuspeitada tradição brasileira a ser pesquisada. Num viés ao qual não falta provocação e grande pertinência, traz exemplos da nossa imprensa, do universo da gravura e da fotografia do século XIX e de episódios como a Guerra do Paraguai para nos sugerir a existência de uma sólida tradição de não lidarmos com a imagem da violência.

O que se evita nesse passado seria não só a publicação

de tais imagens como o interesse mesmo em sua captação. É provocadora a hipótese de que tal história tenha preparado a atual erupção irrefletida da violência nos meios de comunicação. Ela põe em causa o caráter incipiente e culturalmente marginal daquelas estéticas mais radicais (incluídas as cinemanovistas), que reagiram a esse lugar comum, ainda que com grande impacto artístico nos setores mais cultivados da sociedade. Parte dessa ‘irreflexão’ entre nós já estaria encerrada no modo pelo qual ao personagem violento tem sido vedada a livre interação com o que se poderia chamar de ‘espaço público’, como vem apontar Newton Cannito em seu artigo sobre certos pontos culminantes da ficção recente, desde os anos 70. A provocação de João, inscrita nesse virtual despreparo nacional ao compor as imagens da violência, em parte nos levaria a indagar, para respondê-la, sobre a momentosa amnésia das estéticas glauberianas e outras boas ou más antropofagias.

Convidamos então as psicanalistas Maria Rita Kehl e Miriam Chnaiderman para falar desse panorama contemporâneo. Maria Rita tem se interessado, ultimamente, em acompanhar seu antigo objeto de reflexão, a TV, bem mais de longe, do ângulo comparativo e novo que o cinema brasileiro nos tem proposto, para uma abordagem analítica da maior urgência. Sabendo do projeto de Miriam de realizar um documentário em torno do uso de armas, assim como de seus artigos sobre vídeos e filmes de temática violenta, nos interessou que ela delineasse esse quadro atual de debates de que ela tem participado ativa e delicadamente. Completo o ciclo, talvez possamos voltar ao desafio de João um pouco mais armados..